



BÁRBARA VIEIRA DE OLIVEIRA

**A VARIAÇÃO LEXICAL NA OBRA “ATALIBA, O VAQUEIRO”, DE  
FRANCISCO GIL CASTELO BRANCO**

PICOS  
2019

BÁRBARA VIEIRA DE OLIVEIRA

**A VARIAÇÃO LEXICAL NA OBRA “ATALIBA, O VAQUEIRO”,  
DE FRANCISCO GIL CASTELO BRANCO**

Monografia apresentada ao curso de Letras-Português, da Universidade Federal do Piauí - CSHNB, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros.

PICOS - PI

2019

## FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

**O48v** Oliveira, Bárbara Vieira de.

A variação lexical na obra “Ataliba, o Vaqueiro”, de Francisco Gil Castelo Branco. / Bárbara Vieira de Oliveira. -- Picos,PI, 2019.

49 f.

CD-ROM: 4 ¾ pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2019.

“Orientador(A): Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros.”

1. Sociolinguística. 2. Léxico. 3. Variação Linguística. 4.

Identidade Cultural – Fala. I. Título.

**CDD 401.9**

*Elaborada por Rafael Gomes de Sousa CRB 3/1163*

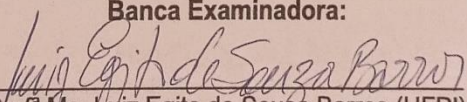
**BÁRBARA VIEIRA DE OLIVEIRA**

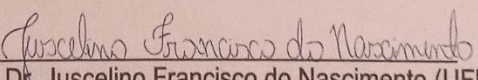
**A VARIAÇÃO LEXICAL NA OBRA “ATALIBA, O  
VAQUEIRO”, DE FRANCISCO GIL CASTELO  
BRANCO**

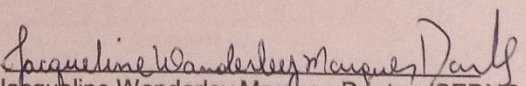
Artigo apresentado ao Curso de Letras  
Português da Universidade Federal do Piauí  
(UFPI), *Campus* Senador Helvídio Nunes de  
Barros, como requisito parcial para obtenção  
do título de Graduado em Letras.

Aprovado em 19 de junho de 2019.

**Banca Examinadora:**

  
Prof.<sup>a</sup> Me. Luiz Egito de Sousa Barros (UFPI)  
(Orientador)

  
Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento (UFPI)  
(Examinador)

  
Profa. Ma. Jacqueline Wanderley Marques Dantas (SEDUC – Piauí)  
(Examinadora)

*Ao meu Deus, que sempre me sustentou diante das dificuldades e ainda me presenteou com uma família maravilhosa, especialmente minha mãe Maria da Glória e meu pai Simplício Francisco (in memoriam), além de amigos que sempre torceram pelo meu sucesso.*

## AGRADECIMENTOS

Gratidão é uma ação necessária ao fim de cada trajeto, ainda mais quando neste estiveram presentes muitas dificuldades. Primeiramente, agradecer àquele que é fonte de tudo, Deus, por todas as bênçãos, sabedoria, discernimento e força que me deu, para que conseguisse vencer cada obstáculo que surgiu ao longo desses quase cinco anos de curso. Agradeço, de forma muito especial a minha família: minha mãe Maria da Glória, a meu pai Simplício Francisco (in memoriam), minha irmã Maria de Fatima, meu irmão João Francisco, minha avó Francisca e meu tio Antônio, que sempre estiveram a meu lado ajudando-me e incentivando-me a nunca desistir, e ainda a meu primo Felipe, minha sobrinha Júlia e sua mãe Tamires, os quais também fazem parte dessa trajetória. Estendo os meus agradecimentos, também a todos os meus amigos e professores do IFPI, pelos aprendizados que me ajudaram muito a conquistar meu objetivo. Além destes, lembro também de todos da minha cidade — amigos, vizinhos, padrinhos, etc — que me incentivaram a ir atrás do meu sonho, mesmo que isso resultasse em ter que ir morar em outra cidade. Já em Picos, cidade que me acolheu de forma calorosa, sou agradecida a todos os meus novos amigos, vizinhos, mães e pais que ganhei, a meus colegas de turma, especialmente a meu grupo de trabalho e de vida, que desde o início formamos, Adaiane, Érica e Matheus, pessoas maravilhosas que acrescentaram muito a minha formação, mas especialmente a minha vida. Sou grata, de forma particular a todos os meus professores do curso — Thiago, Fábio, Luciana, Cristiane, Welbert, Juscelino, Fernanda, e tantos outros — que sempre se esforçaram para formar não somente profissionais, mas também pessoas e cidadãos; e dentro deste quadro de profissionais, não posso deixar de agradecer imensamente a meu orientador e amigo Luiz Egito o qual admiro e tive a honra de ser aluna nesses anos, podendo constatar, assim o nível de humildade presente nele, além de sua sabedoria incontestável. A todos os meus companheiros de Centro Acadêmico e de ICV (Glaúcia e Ayanne), pelas alegrias e aprendizados. Enfim, não há como lembrar de todos, mas ficam aqui estendidos meus sinceros agradecimentos a todos e qualquer um que, direta ou indiretamente, estiveram presentes na minha caminhada e que me sustentaram quando o único caminho era a queda e a desistência. MUITO OBRIGADA!

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as variações linguísticas presentes na obra piauiense “*Ataliba, o Vaqueiro*”, a fim de detectar palavras e expressões que de alguma maneira ressaltam a identidade do povo por meio de sua fala, além de observar quais dessas sofreram algum tipo de mudança ou variação, quanto ao seu sentido, ao longo do tempo. Para tanto, procurou-se na crítica, autores que abordem sobre a Sociolinguística, conceitos e singularidades, como Mollica (2004), Camacho (2006), Petter (2010), Alkmim (2001), Marcuschi (2007), dentre outros. A metodologia usada dá a essa pesquisa o caráter qualitativo, descritivo e interpretativo e teve como *corpus* de análise o texto da obra “*Ataliba, o Vaqueiro*” (2004), de Francisco Gil Castelo Branco, publicada, originalmente, no ano de 1878. Com base na análise da obra, pode-se concluir que, diante de toda a análise, foram detectadas palavras e expressões que trazem em si toda a singularidade do povo piauiense, especificamente daqueles que residem no campo. Além disso, percebeu-se também o uso de palavras de outras línguas na fala do narrador, destacando uma certa hierarquia, pois a fala de quem era da cidade e possuía um certo nível acadêmico ou escolar, no caso do narrador, apresentava-se rebuscada e com emprego de palavras do francês, em contrapartida, a fala das personagens apresenta-se de forma mais coloquial, revelando o contexto campesino.

**PALAVRAS-CHAVE:** “*Ataliba, o vaqueiro*”. Sociolinguística. Léxico. Variação. Identidade.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
1. PANORAMA HISTÓRICO-POLÍTICO DO BRASIL NO SECULO XIX .....	10
1.1 ECONOMIA E GEOGRAFIA DO BRASIL NO SÉCULO XIX .....	12
1.2 ROMANTISMO NA OBRA “ATALIBA, O VAQUEIRO” .....	17
2. SOCIOLINGUÍSTICA: UMA VISÃO GERAL .....	20
3. METODOLOGIA.....	26
4. ANÁLISES DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NA OBRA.....	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	46
REFERÊNCIAS.....	47
6. ANEXOS .....	49



## INTRODUÇÃO

A língua é capaz de realçar as realidades sociais mais remotas, já que ela é a expressão mais marcante do individualismo, e, por conseguinte, do social. E sendo que a literatura tem a língua como instrumento, ela toma para si a função de mostrar os males das sociedades em cada momento/período, além de refletir, explícita ou implicitamente, todo o complexo cultural, histórico, político, ideológico, social e linguístico. Estudar e analisar uma obra literária é levar em conta toda a gama de pluralidade de que ela dispõe, sendo críticas à realidade social ou a um assunto específico, usando da verossimilhança, aproximando, assim, a obra à realidade.

O estudo acerca da variação linguística é algo que tem avançado ao longo do tempo, tanto pela necessidade desse estudo como pela preocupação em que a sociedade tome consciência para que exista uma língua, em seu verdadeiro sentido, de representar um povo em sua pluralidade e sua cultura. O estudo da fala e suas variações, com a Sociolinguística, é algo recente e surge em oposição ao estudo somente da língua como um sistema isolado e homogêneo, pois como afirma Camacho (2006, P. 61), “esquivar-se de lidar com o caos é uma fraqueza humana nada desprezível e talvez seja por isso, e não exatamente por ignorar a existência da variação, que a investigação linguística se conduziu de modo a excluí-la de seus critérios de relevância”, ou seja, lidar com a fala, é algo incerto, heterogêneo e variável e, assim, de difícil classificação, e por isso os linguistas estruturalistas e gerativistas preferiam descrever o componente abstrato, que é mais estável.

Levando em conta toda essa discussão sobre língua e variação, esta pesquisa, tendo como base o questionamento sobre a formação e percepção da identidade regional e social de um personagem/povo manifestada por meio dos usos da língua, tem como objetivo mostrar que é possível constatar, também, em obras literárias características da fala de uma região em uma determinada época, dos personagens, nas expressões típicas da região e seus significados, assim como nas comparações destas ao longo do tempo.

Pretende-se, então, Analisar as variações linguísticas presentes na obra piauiense “*Ataliba, o Vaqueiro*”, a fim de detectar palavras e expressões que de alguma maneira ressaltam a identidade do povo por meio de sua fala, além de observar quais dessas sofreram algum tipo de mudança ou variação. Como objetivos

específicos, pretendemos: a) explicar as variações, presentes na obra, que revelam o falar piauiense; b) observar quais sofreram algum tipo de mudança ou variação, quanto ao seu sentido, ao longo do tempo; c) categorizar os itens lexicais quanto aos sentidos e classes de palavras.

A partir desse objetivo central, formulamos a seguinte pergunta: Considerando-se que as manifestações linguísticas podem se constituir como elementos que revelam a formação da identidade própria de um determinado povo, como a obra literária *Ataliba, o vaqueiro* pode retratar de forma verossímil a realidade social e cultural da sociedade piauiense da época em que foi escrita?

“*Ataliba, o vaqueiro*” é uma das obras de mais destaque na literatura piauiense, delineada aos moldes do Romantismo. Nela podem-se observar claramente as falas dos personagens e as expressões peculiares que caracterizam o dialeto nordestino/piauiense. Assim percebe-se a identidade regional e social dos personagens por meio dos usos da língua. A utilização de variantes linguísticas condizentes com o perfil sociocultural dos personagens reforça suas características e orienta o leitor para uma compreensão mais clara não só do enredo, mas também da realidade social, histórica e religiosa vivenciada pelos personagens.

Há no enredo várias expressões que na própria edição já vieram marcadas como diferentes ou com um teor mais regionalista, portanto, o estudo lexical dessas palavras/expressões servirá como aparato para que se possa compreender o processo de formação da identidade dos personagens e da obra em si. Além do léxico, compreender a semântica dessas expressões é essencial, observando assim as diferenças, quando comparadas a falares de outras regiões ou a épocas distintas, resultando assim nas particularidades do dialeto.

Neste sentido, o presente trabalho dispôs-se da seguinte forma: O primeiro capítulo compreende todo o contexto histórico-político vivido no século XIX, todas as manifestações, revoluções, acontecimentos que influenciaram a escrita da obra — corpus de análise — bem como a chegada da família real, as bibliotecas, editoras e jornais. Além disso vale ressaltar as variações linguísticas trazidas pelos povos que se mudaram para o Brasil nesse período. Assim como, algumas considerações acerca do período Romantismo no Piauí e da obra em análise.

No segundo capítulo fez-se a abordagem sobre a teoria da sociolinguística, seus conceitos e ramificações, bem como os níveis nos quais podem ser compreendidas as variações, isto para que no Terceiro capítulo pudesse fazer as análises baseadas no que foi abordado naquele. Neste terceiro, dispôs-se todas as palavras em tabelas, quatorze, divididas por categorias e classe de palavras, para facilitar a análise e percepção dos sentidos contextuais e no dicionário, quando eram encontradas.

### **1. PANORAMA HISTÓRICO-POLÍTICO DO BRASIL NO SÉCULO XIX**

No final do século XVIII e início do século XIX, o Brasil era apenas uma colônia de Portugal. Essa época foi marcada por inúmeros acontecimentos tanto no âmbito social, como no político, tais como revoluções e movimentos que traziam reivindicações necessárias à época, a exemplo do fim da escravidão e o ideal de independência. A “ideia de emancipação do Brasil, para tornar-se país autônomo, teve início com a eclosão da Inconfidência Mineira e terminou com a proclamação da independência por D. Pedro I” (Programa de Apoio ao Estudante, p. 118, 2007).

A Europa, especificamente a Inglaterra, passava por uma guerra gerada e encabeçada por Napoleão Bonaparte, o qual propunha um bloqueio comercial com a Inglaterra e todo o restante do continente, e como Portugal era visto como uma brecha para que essas transações ainda continuassem acontecendo, moveu-se, então, o exército napoleônico rumo a Lisboa, a fim de “controlar” a ameaça.

Diante de tamanha ameaça, “o Príncipe Dom João, que regia o reino desde 1792, quando sua mãe Dona Maria fora declarada louca, decidiu-se, em poucos dias, pela transferência da Corte para o Brasil” (FAUSTO, 1996 p.75), em janeiro de 1808 a Família real chega ao Brasil e toda a situação da, até então colônia, muda radicalmente, tanto no que tange à estrutura das cidades, a fim de recebê-los e acomodá-los bem, tanto no que tange à estrutura das cidades, a fim de recebê-los e acomodá-los bem, como no que se refere ao impacto na população e na economia, “A vinda da família real deslocou definitivamente o eixo da vida administrativa da Colônia para o Rio de Janeiro, mudando também a fisionomia da cidade. Entre outros aspectos, esboçou-se aí uma vida cultural” (FAUSTO, 1996 p.78).

A cultura literária, que até então era escassa, teve um incentivo maior, pois com a corte real vieram bibliotecas, implantação de jornais, teatros, academias literárias e científicas, isso tudo para adaptar-se aos novos habitantes e também a essa nova sociedade urbana que estava emergindo tão rapidamente, já que “durante o período de permanência de Dom João VI no Brasil, o número de habitantes da capital dobrou, passando de cerca de 50 mil a 100 mil pessoas” (FAUSTO, 1996 p. 78).

Com o fim da guerra em Portugal e com a derrota de Napoleão Bonaparte em 1814 e sem nenhum motivo emergente que fizesse com que a corte real de Dom João VI permanecesse no Brasil, este resolveu ficar na colônia e ainda a elevou à condição de Reino Unido a Portugal e Algarves, em 1815. Assim, no final do ano citado, Portugal, representado por uma junta provisória, reivindica o retorno do rei à metrópole, a qual cedeu Dom João VI, que, por medo de perder seu trono, retorna a Portugal e deixa como regente, seu filho Pedro.

Nos anos que seguiram, houve várias ações a fim de reelaborar a política, como eleições para a corte, em que todos os eleitos seriam brasileiros, novas medidas para a economia, no intuito de beneficiar o Brasil, mas que, por vezes, geravam descontentamento de alguns. Como era de se prever, houve dificuldades no governo e essas “logo se fizeram sentir diante das finanças abaladas e das tentativas das cortes em recolonizarem o Brasil. Exigiram a volta de D. Pedro a Portugal” (PAE, 2007 p. 123).

Dom Pedro, atendendo a um abaixo-assinado que lhe pedia que ficasse no Brasil, no dia nove de janeiro de 1822, conhecido como o dia do fico, declarou, ao povo, que não iria a Portugal, mas sim ficaria. Em seguida a este ato, ocorreram decisões de rupturas com portugueses, de modo que os que não se aliassem a ele deveriam sair do Rio de Janeiro, assim como discussões e posicionamentos de como devia ser a administração do Brasil. Alguns optavam por uma monarquia constitucional, mas com pouca representatividade; outros “radicais” defendiam uma maior participação das classes marginalizadas, assim como as liberdades que lhes eram privadas, como a de imprensa; e ainda, os “extremados”, como denomina Fausto (1996), que defendiam, acima de tudo, um ideário de independência e, mais ainda, de uma república. Por fim,

Quando em junho de 1822 Dom Pedro acolheu a proposta, abriu-se um debate sobre o seguinte tema: a eleição deveria ser direta ou indireta?

Gonçalves Ledo defendia a eleição direta, dizendo que se 'o maior número pede eleição direta, a lei as deve sancionar, [pois] só por ela se pode dizer que o Povo nomeou seus representantes'. Ao contrário, após terem sido acolhidas as eleições indiretas, realizadas aliás já depois da Independência, as instruções eleitorais - correspondentes aproximadamente à lei eleitoral de nossos dias - 'justificaram a medida, tendo em vista as condições brasileiras. No Brasil, diziam as instruções, não havia uma' população homogênea em que estão difundidas as luzes e as virtudes sociais. FAUSTO (1996, p. 84)

Passados uns meses após as eleições e tomada a decisão da elaboração da constituição, Dom Pedro agilizava as ações de rupturas com Portugal e, em 7 de setembro de 1822, vendo a insistência ainda mais acirrada por parte da metrópole para que retornasse, às margens do riacho do Ipiranga, proferiu o grito de independência definitiva do Brasil em relação a Portugal, "A 19 de dezembro, com apenas 24 anos, o príncipe regente era coroado Imperador, recebendo o título de Dom Pedro I" (FAUSTO 1996, p. 84). Daí em seguida, foram tomadas as medidas cabíveis ao novo governo, como fazer com que os países com influência e de maior importância, reconhecessem sua independência, e ainda a elaboração de uma constituição, que já estava nos planos.

### **1.1 ECONOMIA E GEOGRAFIA DO BRASIL NO SÉCULO XIX**

O Brasil, durante todo o período colonial, 1500 até 1888, é marcado pelo regime de escravidão, no qual negros eram tratados como objetos, sendo comprados ou trocados, a fim de servirem aos seus senhores sem receberem nenhum tipo de remuneração. Segundo o poder dominante na época (monarquia e senhores ricos), eles iriam servir para ajudar a colônia a prosperar, sendo, na maioria das vezes, negros, homens e mulheres que, arrastados de sua terra e de seu país, chegavam ao Brasil para trabalharem na agricultura, em engenhos de cana-de-açúcar na região nordeste; no cultivo de café, cacau, algodão e na criação de gado, serviços manuais e atividades domésticas (ALBUQUERQUE & FRAGA FILHO, 2006).

As condições de vida dos escravos eram precárias, pois estes não tinham boa alimentação, dormiam em senzalas em situações degradantes de higiene, mas, apesar de tudo isso, a rotina de trabalho era a mais rígida possível: acordar às cinco horas da manhã para preparar o campo, limpar e fazer todo tipo de serviço, e dormir

apenas às nove horas da noite, recebendo apenas uma ou duas refeições. Por isso, “no século XIX, cerca de seis por cento dos escravos e escravas dos engenhos padeciam de ‘cansaço’ possivelmente uma doença relacionada ao desgaste ou exaustão que os impedia de trabalhar”, (ALBUQUERQUE & FRAGA FILHO, 2006, p.72).

Esse regime durou cerca de trezentos anos. Mas, do século XVIII em diante, soluções começaram a serem propostas para o fim do trabalho escravo, pois, neste período, alguns conseguiram comprar suas cartas de alforria. Na metade do século XIX, iniciaram-se as chamadas “questões abolicionistas”, que tratavam especialmente da tentativa de iniciar um processo de extinção da escravidão no Brasil. A primeira Lei que vigorou foi a *Bill Aberdeen* (1845), aprovada no parlamento inglês, que proibia o tráfico de escravos não só para o Brasil, mas para qualquer país, deixando a ordem para que se prendessem todos os navios que tivesse esse intuito, o que não impedia todos os comerciantes de adquirirem seus escravos de outra forma, mesmo que irregular.

Outra lei que tentou cessar esse regime foi a do sexagenário, ou Lei N. 3.270, aprovada em 1875, que tinha por objetivo dar a liberdade aos escravos que tinham acima de sessenta e cinco anos de idade, porém ela não teve tanto êxito, devido à falta de fiscalização. Mas já foi um grande impulso a favor da luta abolicionista, travada até então. Seguindo, tem-se ainda a Lei do Ventre Livre que visava a libertar as crianças escravas recém-nascidas. Enfim, o fim desse ciclo de exploração humana só teve seu fim completo com a assinatura da Lei Áurea, no dia treze de maio de 1888, pela princesa Isabel, dando plena liberdade a todos os escravos.

No que tange à economia, muitas foram as discussões sobre essa decisão, já que o Brasil passava por momentos de crise em suas variadas áreas de cultivo, e assim, para alguns “Prevalecia então a ideia de que um escravo era uma “riqueza” e que a abolição da escravatura acarretaria o empobrecimento do setor da população que era responsável pela criação de riqueza no país” (FURTADO, 2005 p.138). Já para outra parte dos interessados, “a abolição da escravatura traria a “liberação” de vultosos capitais, pois o empresário já não necessitaria imobilizar em força de trabalho ou na comercialização de escravos importantes porções de seu capital” (FURTADO, 2005 p.138). A maioria dessas pessoas que debatiam contra eram donos de

indústrias, de fazendas ou compradores de escravos insatisfeitos com essas leis acerca da abolição, já que tinham interesses particulares em jogo.

Sabe-se que no Brasil até a proclamação da República, existia de forma bastante definida, na economia, ciclos de produção, sendo assim as atividades produtivas que se destacavam por região e por geração de lucros tiveram seus ciclos, tais como o da cana-de-açúcar, do ouro, da pecuária e do couro e de tantos outros produtos que eram explorados no Brasil e que sempre condiziam com os interesses dos cofres da metrópole, Portugal.

O ciclo da cana-de-açúcar, que teve seu início junto com o período colonial no Brasil, foi responsável pela economia e renda de Portugal durante muito tempo, sendo um dos fatores que contribuiu para a ocupação da faixa litorânea do Nordeste. Com mão-de-obra escrava e sem tanto custo no processo produtivo, a produção da colônia portuguesa liderava o comércio exterior. Porém, a partir de meados do século XVIII em diante, a liderança nesse mercado foi conquistada por outros povos, como os holandeses, que aprendendo as técnicas brasileiras, empreenderam no cultivo em suas colônias, vendendo a preços mais baixos. Assim “o açúcar enfrenta novas dificuldades e o valor de suas vendas desce a níveis tão baixos como não se havia conhecido nos dois séculos anteriores” (FURTADO, 2005 p. 90).

O ciclo do ouro ou da mineração, também foi responsável por grande parte da riqueza nos cofres portugueses, principalmente no século XVIII. Descobertos pelos bandeirantes em suas expedições, os minérios rendiam altos impostos à coroa, como o Quinto que era um imposto de 20% sobre toda a produção de minérios que deveriam ser entregues à coroa; e a Derrama que surgiu como uma forma de arrecadar todos os impostos e quintos atrasados. No entanto,

uns poucos decênios foram o suficiente para que se desarticulasse toda a economia da mineração, decaindo os núcleos urbanos e dispensando-se em grande parte de seus elementos numa economia de subsistência, espalhados por uma vasta região em que eram difíceis as comunicações e isolando-se os pequenos grupos uns dos outros. (FURTADO, 2005 p.89)

Já o ciclo da pecuária foi um dos fatores que culminaram com a ocupação demográfica do Nordeste. Os donos de terra, por meio das sesmarias, arrendavam-nas aos pequenos criadores e recebiam suas pagas em animais, ao longo dos anos

de uso. A pecuária se desenvolveu, além do Nordeste, no Sul “onde a vegetação e a água propiciavam o desenvolvimento” (PAE, 2007 p.105), mas foi no primeiro onde ela se estabeleceu de forma expressiva desde meados do século XVI.

Sendo o gado utilizado desde a colonização, como transporte e força para os desbravadores, “o apogeu da pecuária só pode ser caracterizado no ciclo do couro, numa época em que deste produto tudo se fazia: camas, mesas, roupas, etc.” (PAE, 2007 p.105). É válido ressaltar que, a partir da abolição da escravidão, quem tomavam a frente para cuidar das fazendas e de toda a criação eram os vaqueiros, figura particular, principalmente no Nordeste e no Piauí.

Outros produtos como o café e algodão foram cultivados em solos brasileiros, contribuindo de forma direta na formação dessa economia em ascensão, sendo este último, assim como os outros, exportados para outros países, a fim de obter lucros.

Focando, agora, na geografia brasileira no século XIX, pode-se observar que, mesmo após a mudança que ocorreu na colônia com a chegada da família real, o restante do Brasil, com exceção do Rio de Janeiro que era a capital, foi se modificando aos poucos, como por exemplo até o fim do século XIX com a implantação das primeiras fábricas e indústrias, mudando tanto as cidades como a forma de vida dos habitantes.

Desde o período colonial, o desbravamento territorial se deu a fim de povoar, mas principalmente de descobrir as riquezas existentes nesse “chão novo”. Para isso vieram as entradas, as bandeiras, as missões jesuíticas e tantos outros movimentos em todo o território, assim como pessoas em específico designadas somente para conseguirem apossar-se dos locais com maior resistência, para assim conquistarem as terras e imporem o poder português. As capitanias hereditárias são um bom exemplo dessa colonização. Depois de todo esse processo de expansão territorial e demográfica, já no século XIX, a população do Brasil, devido a tantos ocorridos, já contava, segundo dados coletados por Boris Fausto (1996), com 3.596.132 habitantes, entre livres e escravos, povoando todas as regiões do país, de norte a sul.

No Nordeste, região que mais nos interessa conhecer para a futura análise, como já mencionado, ainda segundo o senso do mesmo autor supracitado, contabilizava 1.110.203 pessoas, estas voltando-se para os cultivos de café, algodão



e, principalmente, da pecuária – sendo a mais expressiva –, podendo assim afirmar que

o grande latifúndio, dono de vastas extensões de terra do sertão, teve sua posição solidificada no decorrer dos séculos XVII, XVIII e XIX através dos benefícios e incentivos à ocupação e exploração das terras trazidos por uma estrutura de relações sociais arcaicas, estabelecendo uma rígida dominação sobre os verdadeiros desbravadores do território. (BARROS, s/d p. 5)

O Piauí sempre se propôs à criação de animais. Sendo dono de uma grande faixa de terras, essas atividades eram bastante viáveis, a única dificuldade que assolava eram os longos períodos de estiagem que ocorriam nessa região, fazendo com que os rebanhos se esvaíssem rapidamente, assim como as populações, tendo que migrar para outras localidades em busca de abrigo e alimento.

A população que habitava essas regiões pecuaristas, já quase no fim do século XIX e início do século XX, além dos fazendeiros, eram os vaqueiros, negros, ainda escravos, e agregados, porém a figura que mais se destacou, foi a dos vaqueiros, homens livres que se empregavam em cuidar do rebanho de seus “patrões” e, em troca, recebiam um quarto das crias do período. Como afirma Barros (s/d p. 5), “o vaqueiro era a figura central que administrava as fazendas com a criação e transporte dos rebanhos como sua função principal”. Vivendo baseado em uma economia de subsistência, ou seja, plantando para seu próprio consumo, da caça e outras atividades ainda herdadas dos antigos habitantes, os índios.

O vaqueiro, juntamente com o negro, se faz uma das figuras mais marcantes do Piauí, já que este foi responsável pela povoação dessas terras, pois “foi em torno das fazendas de gado, onde geralmente vivia apenas o proprietário ou o encarregado e os vaqueiros que, algum tempo depois, surgiram os principais núcleos familiares” (NETO, 2004, p. 119).

Diante de todo esse contexto histórico, geográfico e econômico do Brasil, do Nordeste e do Piauí, colocados até então, pode-se concluir que todo o século XIX, foi palco de muitas transformações que resultam no que o Brasil é atualmente, tanto politicamente, quanto socialmente. As migrações de povos, línguas e, por conseguinte, culturas diferenciadas culminaram nesse aglomerado de costumes que se tem, e o que faz com que a atualidade seja como é.

Dentro desse contexto cabe ressaltar ainda os esforços para formar uma identidade nacional, e isso foi feito por meio, também, das manifestações culturais, que se davam de forma expressiva em todo o país. No Nordeste, por exemplo houve uma difusão da cultura, que foi feita seja por meio do folclore, e por meio da literatura, por exemplo, sendo que esta (folhetins, romances e cordel) focava em trazer a figura do herói nordestino, o vaqueiro, que durante a história, sempre mostrou seu valor com sua força e, principalmente com sua honra. Um exemplo dessa literatura regionalista é a obra “Ataliba, o vaqueiro”, de Francisco Gil Castelo Branco.

## **1.2 ROMANTISMO NA OBRA “ATALIBA, O VAQUEIRO”**

Em meio a esse contexto descrito anteriormente, destaca-se também a produção literária trazida por jovens que viveram fora do Brasil, mas que retornaram a fim de escrever sobre sua própria terra que já estava se formando mais concretamente. Dentre as manifestações literárias da época, tem-se o Romantismo (1836-1881), que incorpora na ficção e na poesia várias lutas e vários temas necessários, já que se tem um país com intensas modificações na política.

Uma das características da escola romântica, ao abordar seus temas, era o subjetivismo do eu-lírico, uma tendência de evasão, idealização do ser amado, endeusamento e sintonia com a natureza que, segundo Bosi (2015, p.93), “significa e revela”, e ainda uma preferência pela noite, onde se encontra a imaginação e o sonho.

O Romantismo no Brasil pode ser dividido em fases distintas por temas e autores, sendo elas: Nacionalista, já que dava uma grande importância à descrição do país, em sua fauna e flora, além do indianismo; a segunda fase, ou Ultrarromantismo, traz o culto exacerbado aos ideais românticos, como o subjetivismo e o fechamento em si mesmo; e, por fim, a geração Condoreira, que se desprende e desloca seu foco para as questões políticas e sociais. Todo o Brasil e seus autores participaram e escreveram obras que se enquadram nos moldes românticos, independente da fase.

No Piauí também se identificam alguns autores que se destacaram no fazer artístico romântico, tanto na poesia quanto na prosa, tendo seu início nos anos de 1866 e “terminando” em 1889, “quem trouxe as primeiras influências românticas para o Piauí foi o oeirense Licurgo José Henrique de Paiva (1842-1887), com a publicação,

em 1866, do aplaudido Flores da noite, livro de poemas prefaciado por Tobias Barreto.” (MORAES, 1997 p.43). Além de Licurgo de Paiva, podem-se listar nessa categoria de poesia, José Coriolano, com *Impressões e gemidos* (1870), Hermínio Castelo Branco, com *Ecos do coração* (1881), Theodoro Castelo Branco (o poeta caçador), com a *Harpas do caçador* (1884) e Luísa Amélia de Queirós com *Flores incultas* (1875) e *Georgina* (1893), uma das mais expressivas representantes femininas do período.

Na prosa piauiense seu maior destaque foi Francisco Gil Castelo Branco, iniciando em 1874 com *A pérola do lodo*, um romance humorístico, publicado inicialmente em forma de folhetim, pois, como afirma Moraes (1997, p.94), “era a época dos romances, contos e crônicas publicados nos rodapés em forma de folhetins, até que se publicassem os volumes que percorreriam o país e o mundo”. Além dessa publicação inicial, Castelo Branco ainda escreveu *Um figurino* (1874), *Contos a esmo* (1876), e *Ataliba, o vaqueiro* (1878), sendo este último o que mais se destaca pelo seu teor regionalista.

Na época já eram famosos os romances classificados de regionalistas de José de Alencar (*O gaúcho*, *O tronco de ipê* e *O Sertanejo*), Bernardo Guimarães (*O garimpeiro*), Visconde de Taunay (*Inocência*) e a exploração do banditismo de *O Cabeleira*, de Franklin Távora. A literatura da seca, no seu conceito definitivo, ainda não havia chegado, cabendo a Francisco Gil, de acordo com a voz autorizada de M. Paulo Nunes, essa prioridade, pois que “a primeira manifestação conhecida” nesse plano. (MORAES, 1997 p. 95)

Francisco Gil Castelo Branco, natural do Piauí, mas que migrou para o Rio de Janeiro, escreve “*Ataliba, o vaqueiro*”, inicialmente em forma de folhetins, que só vieram a ser publicados como livro em 1879, com a ajuda de um comerciante ao qual o próprio autor presta homenagens em seu prefácio inicial “o ilustrado senhor José de Vasconcelos, o indefeso redator do *Jornal de Recife*. [...] aceitei o laudo como maior prêmio de honra a que poderia aspirar o meu trabalho [...]” (CASTELO BRANCO, 2004 p.23). O espaço onde ocorre o enredo é a região de Marvão, atual Castelo do Piauí. Ali desenrola um caso amoroso entre Ataliba, que era vaqueiro da Fazenda do morro, e Teresinha.

De acordo com Magalhães e Rêgo (2004, p.13)

Da terra natal, Francisco Gil guardara a lembrança da aridez, da esterilidade, da prolongada ausência de chuvas sobre o solo devastado, mas também a

lembrança da beleza singela das mulheres, dos saraus domésticos em noites de luar, das rendas de labirinto, do traje de couro dos vaqueiros e, sobretudo, do modo de falar do povo piauiense.

A obra aborda de maneira clara todos esses aspectos apontados pelas autoras, iniciando a narrativa falando das paisagens exuberantes do sertão, da mulher sertaneja e suas belezas e peculiaridades, do homem e do vaqueiro com seu físico rude, mas belo, dos costumes e das pessoas que habitavam aquele cenário. Porém da metade da obra em diante, inicia-se a descrição da seca e de sonhos que foram desfeitos por esse fenômeno ambiental, mas também político que assolava todo o sertão em alguns períodos.

Vale ressaltar aqui, o aspecto da linguagem que o autor faz questão de colocar à mostra, falares e expressões que caracterizam essa variedade linguística, tanto piauiense, quanto do Nordeste em geral.

O emprego do vocabulário regional na narrativa de Francisco Gil não constitui um ornamento retórico. O aproveitamento da linguagem da região faz parte de uma tentativa de registro da vivência do homem do sertão piauiense. Na transcrição da fala do nordestino não aparecem somente vocábulos típicos, mas modismos, a sintaxe, a fonética são também notados. (MAGALHÃES E RÊGO, 2004, p.18)

Neste capítulo, apresentou-se, de forma resumida, o contexto do século XIX, levando em conta os aspectos políticos, econômicos, sociais e geográficos, ressaltando os principais acontecimentos. Como a pesquisa tem como objetivo analisar as variações linguísticas presentes em uma obra piauiense, fez-se necessário conhecer a fundo o Nordeste, e, por conseguinte, o Piauí. Além disso, compreender os aspectos do romantismo, e a obra, soa relevante para que se adentre o objeto da pesquisa, que é analisar os signos linguísticos próprios da fala nordestina/piauiense presentes em “Ataliba, o vaqueiro”, categorizando seus significados e suas modificações com o passar do tempo (comparação diacrônica), e assim mostrar a importância dessas variações para a identidade de um povo.

## 2. SOCIOLINGUÍSTICA: UMA VISÃO GERAL

Já que este trabalho se debruça sobre uma análise das variantes lexicais em *Ataliba, o vaqueiro*, convém destacar que os linguistas têm como função observar e descrever as línguas em uso, levando em conta todos os aspectos pertinentes para compreensão desta. No caso particular deste trabalho, analisamos as manifestações linguísticas dos personagens de *Ataliba o vaqueiro*, tanto em seus componentes gramaticais, fonéticos, fonológicos e sintáticos, como em seu componente sociolinguístico, uma vez que fazemos sempre a correlação entre os usos das variantes e o meio sociocultural da época.

Apesar da correlação com o componente social, o fizemos “sem avaliar aquele uso em termos de um outro padrão: moral, estético ou moral” (PETTER, 2010, p. 17). Ou seja, este estudo foi desenvolvido de modo a não emitir juízo de valor em relação às variantes estudadas, sejam as formas de falar manifestadas na fazenda, pelos vaqueiros, ou aquelas de uso mais frequente entre as elites dominantes, já que a função da linguística “é analisar toda e qualquer expressão linguística como um fato merecedor de descrição e explicação dentro de um quadro científico adequado” (PETTER, 2010, p. 17).

Levando em conta os estudos da linguística e da linguagem, por ser esta muito complexa em suas várias aplicações e estudo, surgiu, assim, em concomitância com outras vertentes de análise, áreas afins de estudo da linguagem, como por exemplo, a *etnolinguística*, que estuda a linguagem no âmbito cultural, a *psicolinguística*, abordando aspectos da aquisição da linguagem, e ainda a *sociolinguística* que analisa a língua em prática na sociedade, sendo esta última a que mais interessa a este estudo, que se detém à descrição das variantes lexicais presentes em *Ataliba o vaqueiro*.

O lugar de atuação do ser humano é a sociedade, e é nela que ele realiza, de forma eficaz, a comunicação e interação. Assim, pode-se afirmar que “linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano” (ALKMIM, 2001, p. 21).

O estudo da fala, do falante e da sociedade, com a sociolinguística, é algo muito recente, e surge em oposição ao estudo somente da língua como um sistema isolado

e homogêneo. Mas, como coloca Camacho (2006, P. 61), “esquivar-se de lidar com o caos é uma fraqueza humana nada desprezível e talvez seja por isso, e não exatamente por ignorar a existência da variação, que a investigação linguística se conduziu de modo a excluí-la de seus critérios de relevância”, ou seja, lidar com a fala, que é algo incerto, heterogêneo e variável e, assim, de difícil classificação, motivo pelo qual os linguistas estruturalistas e gerativistas, sempre preferiam a língua como sistema homogêneo. Marcuschi (2007, p. 43) traz uma concepção de língua que se aplica ao conceito assumido pela Sociolinguística e que deveria ser um conceito mais discutido e colocado em prática.

(...) toda vez que emprego a palavra língua não me refiro a um sistema de regras determinado, abstrato, regular e homogêneo, nem a relações linguísticas imanentes. Ao contrário, minha concepção da língua pressupõe um fenômeno heterogêneo (com múltiplas formas de manifestação), variável (dinâmico, suscetível à mudança), histórico e social (fruto de práticas sociais e históricas), indeterminada sob o ponto de vista semântico e sintático (submetido às condições de produção) e que se manifesta em situação de uso concretas, com texto e discurso.

A Sociolinguística é um ramo da linguística que tem como principal objetivo analisar as realizações da língua em seu contexto real de uso, ou seja, nas relações interpessoais, nas conversas e diálogos travados constantemente a fim de obter a comunicação. Ou seja, “demonstrar a covariação sistemática das variações linguísticas e sociais. Ou seja, relacionar as realizações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade” (ALKMIM, 2001, p. 28)

Para que os estudos da Sociolinguística possam ser efetuados de forma mais eficaz, antes de tudo, deve-se admitir que

Todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas. Encontram-se assim distintas que, em princípio, se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático-discursivo. (MOLLICA, 2004 p.09)

Portanto, em tudo que diz respeito a estudos linguísticos, deve-se levar em conta todas as misturas, as multiformas do falar e diversidades existentes, já que a língua é utilizada por pessoas diferentes, em contextos diferentes, locais diferentes, adequando-se à situação e a comunicação que se pretende, respeitando, sempre, o lugar de fala do outro.

Camacho (2006), no que se refere à variação, afirma que ela está diretamente ligada a fatores sociais, e deve ser diferenciada e classificada, a priori, em variável e variante. Sendo a primeira a generalização de um fato na língua; e a segunda diz respeito a casos e ocorrências específicas, como bem exemplifica Camacho (2006, p.56-57):

Observe que a marcação de plural no sintagma nominal é uma variável, representada por Labov (1972) por colchetes angulares:<s>. A presença de marcação, representada por [s], como em os menino[s], e a ausência de marcação, representada por [Ø], como em os menino[Ø], constituem as variantes.

A relação entre variação e mudança, trazida pelo mesmo autor, é outro caso que merece destaque, pois a mudança sempre irá pressupor um processo de variação na língua, mas a variação não, necessariamente, ditará uma mudança.

toda mudança é o resultado de algum processo de variação, em que ainda coexistam a substituta e a substituída, embora o inverso não seja verdadeiro, isto é, nem todo processo de variação resulta necessariamente em uma mudança diacrônica, caso em que a variação é estável e funciona com indicador de diferenças sociais. (CAMACHO 2006, p.56).

Para que se configure uma mudança a um signo linguístico, toda a comunidade deve estar ciente disso e, mais que isso, deve ter participado desse processo, promovendo uma recorrência do fato, caso contrário, se somente um ou alguns poucos falantes variarem sua forma de falar, não irá acarretar uma mudança, em seu sentido real.

Acerca da mudança, Faraco (2005) traz a afirmação de que a língua é dinâmica e que muda ao longo do tempo, no entanto, as mudanças ocorrem de forma lenta e por vezes o falante nem percebe, e afirma ainda que

as mudanças atingem sempre partes e não o todo da língua, o que significa que a história das línguas se vai fazendo num complexo jogo de mutação e permanência, reforçando aquela imagem antes estática do que dinâmica que os falantes têm de sua língua. (FARACO, 2005, p. 15)

O processo de variação pode ser percebido em todos os níveis da língua, desde o fonético e fonológico, passando pelo morfológico, sintático, lexical até o semântico, todos com suas singularidades. No que diz respeito à Fonética e à Fonologia, a variação está ligada às diferenças no ato de pronunciar um determinado som/fonema, como por exemplo, o /r/ em algumas realizações, sendo pronunciado, muitas vezes,

na forma de retroflexo e em outras como fricativo glotal, assim como ao final de verbos na forma de infinitivo; já levando em conta o nível morfológico, observa-se "a alternância de sufixos derivacionais" (CAMACHO 2006, p. 57), estes não alterando o significado, mas somente na estrutura da palavra, como por exemplo o sufixos [in] com o significado de negação que podem ser vistos de várias formas: [im] antes de [P e B], [in] antes das demais consoantes e somente [i] antes de [R e L].

No nível sintático a alternância se dá no momento de construção da oração, na qual pode ocorrer uma alternância na escolha dos signos, mas com o mesmo sentido geral. Já no que tange à variação lexical, observa-se que ocorrem várias realizações de um mesmo significado codificados em itens lexicais diferentes, como "macaxeira/aipim/mandioca" para evocar um mesmo objeto, mas que levando em conta a região em que está o falante, a variação é perceptível.

Convém ressaltar também que os diferentes usos das variantes lexicais revelam a identidade do falante e as marcas da cultura em que esse falante está inserido. Segundo Matoré (1953, apud Carvalho, 2001, p. 99), "a palavra analisa e objetiva o pensamento individual, tendo também um valor coletivo, pois há uma sociedade própria da língua". Deste modo, podemos inferir que entre língua e cultura há um contínuo, formando um todo indissociável.

No que tange ao nível semântico, a variação reflete um processo em direção oposta, pois se a variação lexical consiste de vários nomes com um mesmo significado, a variação semântica se realiza quando há vários significados associados a uma mesma sequência de fonemas, signo, como é o caso da palavra TAPIOCA significando o prato, a iguaria (beiju) em um região e TAPIOCA significando a massa de que se faz o prato, a iguaria (beiju), em outra região.

Os falantes adquirem as variantes com as quais mantêm contato, sendo aquelas próprias da sua região, ou as que são condicionadas por fatores sociais que caracterizam o grupo a que pertencem. Para tanto, os sociolinguístas classificam a variação em quatro categorias, a saber: variação geográfica ou diatópica, variação social ou diastrática, a variação estilística ou de registro e a variação diacrônica/etária/histórica.

A variação geográfica ou diatópica está ligada a diferenças envolvendo falantes oriundos de lugares diferentes, que assim possuem diferenças na forma de falar



quando comparadas às de outras regiões. Como exemplos, Alkmim (2001, p. 35) traz as diferenças observadas

Entre falantes brasileiros originários das regiões nordeste (incluindo a Bahia) e sudeste, percebemos diferenças fonéticas, como, por exemplo, a pronúncia de vogais médias pretônicas --- como ocorre na palavra “melado” ---- pronunciadas com vogais abertas no Nordeste e fechadas no Sudeste. Percebemos também diferenças gramaticais, como, por exemplo, a preferência pela posposição verbal da negação, como em “sei não” (nordeste) e “não sei” (ou, “não sei não” sudeste); o uso do artigo definido antes de nomes próprios como em “Falei com Joana” (nordeste) e “Falei com a Joana” (sudeste).

A variação geográfica também mostra que dentro de uma mesma região, como por exemplo o Nordeste, podem ser identificadas outras variações, como é o caso de falantes que residem na zona urbana e alguém que mora na zona rural, sendo que os contextos são outros e suas formações linguísticas, distintas. Ou ainda variando de estado a estado, cidade a cidade, sempre pode-se perceber certas diferenças, mesmo que sutis.

A variação social ou diastrática está relacionada a fatores próprios do falante, que o identifica como indivíduo, e que, por sua vez, faz com que ele tenha uma forma particular de falar, ou seja, "elas se manifestam de acordo com os diferentes estratos sociais, levando-se em conta as fronteiras sociais" (MOLLICA 2004, p.12), classe social à qual pertence, grupos sociais, sexo e o contexto social, são categorizados dentro dessa variação, já que estes são alguns dos fatores sociais que influenciam tais modificações. Portanto, percebe-se que o eixo diatópico está situado de forma horizontal, referindo-se apenas a regiões distintas, já o diastrático coloca-se de maneira vertical trazendo conceitos e relações a indicadores sociais.

A variação estilística ou de registro, faz menção aos variados contextos em que estão inseridos o falante, fazendo com que este mude sua forma de se expressar seu vocabulário, dependendo das circunstâncias de uso. Segundo Alkmin (2001, p. 38), “a seleção de formas envolve, naturalmente, um grau maior ou menor de reflexão, por parte do falante: o uso do estilo formal, em relação ao informal, requer uma atuação mais consciente”, pois em uma conversa com os amigos o teor de formalidade e de policiamento, quanto à linguagem, é muito menor quando comparada a uma apresentação de um trabalho científico ou de um negócio.

Por fim, a variação diacrônica, histórica ou etária diz respeito àquelas observadas nas falas de pessoas com idades diferentes – crianças, adolescentes, idosos— os quais têm “o uso do léxico particular, como presente em certas gírias (“maneiro”, “esperto”, com sentido de avaliação positiva sobre coisas, pessoas e situações) denotando a faixa etária jovem” (ALKMIM, 2001, p. 36). Além dessas realizações pode-se analisar a variação diacrônica por meio de palavras, grafias ou sons, que são realizados de forma diferente por gerações diferentes, ou de palavras que, dependendo da faixa etária do falante, podem veicular significados diferentes, FICAR, BARATO, por exemplo.

Diante dessas classificações e divisões quanto à forma de variação, cabe ressaltar o valor de cada uma no processo de formação da língua, já que todas são de igual importância nesse quebra-cabeça. No entanto sabe-se que, na sociedade, mesmo diante de tantos estudos para se comprovar o contrário, ainda há a ideia de uma variante de prestígio, tida como certa, e outras que são tidas como errôneas.

A fala daquela classe que detém o poder aquisitivo sempre será tida como aquela que está isenta de qualquer julgamento, por outro lado, a variante falada por pessoas que estão na base da pirâmide econômica e social é sempre alvo de críticas e apontamentos, já que não se encaixam nos “moldes” que são impostos pelo que sabem o correto. Como afirma Camacho (2006, p.59), "O mecanismo é simples: como os detentores da variedade de prestígio controlam o poder público das instituições, que emanam das relações econômicas e sociais, são também detentores da autoridade de vincular a língua que empregam".

### 3. METODOLOGIA

A Sociolinguística trata das relações da língua com a sociedade, na sua prática mais eficaz, levando em conta suas diferenças e fazendo com que estas sejam estudadas e reconhecidas como parte do todo da língua. Dito isso, este trabalho teve como caminho metodológico, o estudo da obra “Ataliba, o Vaqueiro”, de Francisco Gil Castelo Branco, observando alguns itens lexicais que tinham em si uma significação própria da região e da época em questão — século XIX. Para tanto, observou-se a importância de trazer, no referencial teórico, algumas considerações acerca do século XIX e dos acontecimentos que foram coadjuvantes para a escrita da obra e o conhecimento do Piauí em seus vários sentidos, especificamente a sua fala com suas variantes.

Após elencar esses itens lexicais, palavras e expressões, dividiu-se em tabelas, por classes gramaticais, assim como por campos temáticos, resultando em um total de 14 tabelas, sendo elas: adjetivos, advérbios, verbos, pronomes, interjeições, substantivos – estes, dada a sua grande quantidade, foram distribuídos pelos seguintes campos temáticos: peças de vestuários e indumentárias do vaqueiro, utensílios de casa, animais –, expressões proverbiais, expressões nominais descritivas, expressões nominais descritivas metafóricas e variantes fonéticas. Todas estas com seus respectivos sentidos levando em conta o uso no contexto da obra.

Para concluir a pesquisa, analisou-se todas as variantes observadas à luz da Sociolinguística, qualificando a pesquisa como bibliográfica, descritiva e interpretativa. Foi, portanto, observado como que estas unidades lexicais servem para a consolidação da identidade do povo piauiense.

#### 4. ANÁLISES DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NA OBRA

Na obra “Ataliba, o vaqueiro”, por ser uma obra regionalista, encontrou-se uma gama de palavras e expressões que demonstram as características da fala do nordestino, mais especificamente do piauiense. Como afirmam Magalhães e Rêgo (2004, p. 18), “o aproveitamento da linguagem da região faz parte de uma tentativa de registro da vivência do homem do sertão nordestino”. Há, portanto, dentro desse léxico, as várias classes de palavras, como verbos, adjetivos, advérbios, expressões proverbiais e descritivas, além de substantivos, que serão colocadas em tabelas e analisadas. Convém frisar que “na transcrição da fala do nordestino não aparecem somente vocábulos típicos, mas modismos, a sintaxe, a fonética são também notadas” (MAGALHÃES E RÊGO, 2004, p. 18)

Cabe ressaltar que as palavras e expressões selecionadas, que serão elencadas e analisadas, terão como base seu sentido contextual, ou seja, aquele em que foi empregado no livro, nas falas dos personagens ou mesmo do narrador. No entanto, por vezes, recorreu-se ao dicionário, sempre que eram encontrados itens lexicais em que se observou uma variação diacrônica em sua forma ou significado.

Iniciando pela classe dos adjetivos, obteve-se a seguinte tabela de palavras:

<b>ADJETIVOS</b>	
<b>NOME</b>	<b>SIGNIFICADO</b>
AGUADO (P. 33)	Não está em seu estado normal/ machucado.
CAPIVARA (P. 45)	XINGAMENTO: alguém lerdo
DELAMBIDO (P. 45)	Alguém sem sentido no que fala/ xingamento, “sem vergonha”.
FRANZINO (P. 44)	Magro ou pouco
FOUVEIRO (P. 44)	Cor de cavalo – castanho-claro, de roupa desbotada
ESBAFORIDA (P. 45)	Exausta/ cansada.
ENCOURADOS (P. 34)	Vestido de/em couro, protegido com as indumentárias próprias do vaqueiro

MADRIONA (P. 47)	Sentido pejorativo: pessoa folgada e preguiçosa
INVETERADA (P. 48)	Velha ou reincidente. Ex: sua inveterada mania
CHIBANTE (P. 72)	Grande/ ou de estima, valente.
JURURU (P. 49)	Triste ou cabisbaixo
SAPECADO (P. 54)	Queimado, tostado

TABELA 1: Adjetivos (CASTELO BRANCO, 2004)

A primeira palavra, **aguado**, que em seu sentido mais simples é “algo diluído em água, que não está em seu estado normal ou, na veterinária, animal machucado” (CUNHA 2010, p. 100), na obra o que mais se adapta é o sentido de machucado, pois, metaforicamente, o adjetivo é empregado para descrever o modo como estava o cavalo do personagem Ataliba, ou seja, seria uma desestruturação do normal. Já, **Delambido** que, de acordo com Cunha (2010), em seu Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, advém do verbo “delamber” e tem em seu sentido figurado “mostrar grande alegria, regozijar-se, afetar-se, XVI”. No contexto da obra, o seu sentido está atrelado a essa significação em uma conotação de que quem é um delambido é alguém de “cara limpa/lambida”, sonso, “sem vergonha”, ou seja, presunçoso.

**Franzino** designa um ser que não possui tanta força, ou porte corporal, ou seja, alguém ou algo fraco, frágil, magro, pequeno. E isso se comprova com a significação que há em Cunha (2010, p. 301), a qual salienta que franzino deriva de “franger vb. Quebrar, despedaçar, enfraquecer” sendo assim, aquele seria também o que é fácil de quebrar ou enfraquecido. Outro adjetivo identificado na obra e que chamou a atenção é **fouveiro**, que designa a cor de cavalo, seria um tom de castanho claro ou ruivo, sendo que esse adjetivo deriva do latim medieval “*falvuarius*” (CUNHA, 2010, p. 300), provavelmente derivado do Lat. *Flavus* (amarelo).

**Esbaforida**, que foi detectado na fala da personagem Tia Deodata, é empregado para expressar sua condição corporal de exaustão e cansaço, frente aos acontecimentos recentes. Seguindo, tem-se **Encourados** que designa os vaqueiros

vestidos com sua indumentária feita em couro, que o protegem. Ou seja, a designação de quem está vestido de/com couro, pois, no contexto do livro, já que a narrativa tem como cenário uma fazenda, percebe-se a presença forte de palavras que se referem ao vaqueiro.

O adjetivo **madriona** é empregado pela tia Deodata para caracterizar Terezinha, que estava dormindo em pleno dia: “vejam só a madriona!” (CASTELO BRANCO, 2004 P. 37), nesse sentido percebe-se a presença de ironia por parte da personagem, já que “madriona” seria uma “grande mãe”, rica ou com posses, já que “madre” significa mãe e o sufixo [-ona] remete a aumentativo, portanto seria uma crítica ao fato de que, Terezinha, que não era rica, e que por isso, não poderia se dar ao luxo de dormir até tarde, dormia folgadoamente.

No texto, a palavra “inveterada” traz a conotação de velho ou repetitivo, fazendo jus ao que traz o dicionário etimológico “Inveterar *vb.* ‘tornar-se velho’, ‘introduzir, entranhar, firmar a força do tempo, habituar, arraigar’ xvii. Do lat. *Inveterare*, de *vetus* -eris ‘velho, antigo’ // **inveterado**.” (CUNHA, 2010, p. 364). Assim dentro do contexto, este adjetivo se apropria do sentido de algo repetitivo, já que é empregado para caracterizar as atitudes de curiosidade da Tia Deodata que era reincidente.

Já o adjetivo **chibante**, usado para caracterizar Ataliba, pode ter seu significado explicado, quando se observa que ele se forma por derivação, tendo como base o verbo “chibar – ostentar valentias” (CUNHA, 2010, p. 147), e o sufixo -ante que é usado para dar a ideia de ação, qualidade e estado. No que tange ao seu emprego na obra, pode-se afirmar que seu sentido está ligado não ao aspecto físico, mas ao caráter e aos valores da pessoa. Ataliba seria, assim, um ser valente, honroso, estimado.

O penúltimo vocábulo é o adjetivo **Jururu**, da língua Tupi, o qual designa um estado emocional de tristeza e melancolia. Por fim, tem-se **sapicado**, que, levando em conta o seu contexto de uso, pode ser conceituado como uma fase do processo de “queima”, ou seja, seria o intermediário entre o estado normal e o queimado, propriamente dito, ou seja, apenas tostado.

Ao observar esses primeiros itens lexicais analisados, os adjetivos, pode-se perceber uma variação muito grande no que tange à mescla de línguas ou fases da língua utilizadas e aos sentidos das palavras que, em algumas, foi preservado, e em

outras nas quais houve modificações, provavelmente por adequação ao contexto social fazenda. Além disso, vale ressaltar que, no léxico da zona rural – fazenda Morro –, onde residiam os personagens, acontece uma certa preservação das formas e dos sentidos antigos da língua.

Seguindo com as análises, percebeu-se que há, na obra, algumas expressões proverbiais que são típicas da variação geográfica, pois parecem típicas do falar piauiense/nordestino e que levam em conta a sabedoria popular colocada por meio de expressões comuns, com sentido metafórico. Para tanto, segue-se a tabela com algumas dessas expressões, com seus respectivos sentidos contextuais:

EXPRESSÕES PROVERBIAIS	
EXPRESSÃO	SIGNIFICADO
SER UM PEIXÃO E AGORA NÃO PASSA DE OSTRAS P. 35	Algo que foi importante, mas não é mais atualmente.
NEM CARNE NEM PEIXE P. 40	Imparcial, algo indefinido.
UM DIA CAI A CASA P. 33	Um dia a verdade vem à tona.

TABELA 2: EXPRESSÕES PROVERBIAIS (CASTELO BRANCO, 2004).

A primeira expressão encontrada é **“Ser um peixão e agora não passa de ostra”** foi utilizada pelo narrador para caracterizar Tia Deodata. Para se compreender o que se pretende mostrar ao fazer essa colocação, deve-se entender os dois substantivos colocados e que fazem contradição, que são Peixão e ostra; Para as pessoas que habitam o interior e, ainda mais no século em questão — século XIX— o peixe era muito valorizado na culinária, pois era um dos alimentos que os sustentavam, além da caça; já a ostra, mesmo sendo atualmente algo bastante valorizado no mercado e por ser encontrada nela a pérola, na época dessa obra este tipo de “marisco” não se equiparava com o “peixão” trazido no texto. Portanto, trata-se de uma expressão para mostrar o valor que certa pessoa tinha no passado e que agora já não o tem.

A expressão **“Nem carne nem peixe”**, traz ao texto um tom de imparcialidade, pois quem profere essa sentença está afirmando que não tem nenhuma preferência prévia e que o que for decidido ou escolhido, será aceito por ele. Já em **“um dia cai a casa”**, a significação trazida, tanto pelo contexto da obra como pelos ditados

semelhantes é a de que um dia a verdade ou algo que está escondido, encoberto, será mostrado, pois a “casa”, ou o que o ocultava cairá, será destruída, além disso é valido destacar que esta sentença está escrita conforme o português de Portugal, com forte influência do português arcaico, já que a ordem mais utilizada é: “Um dia a casa cai”, colocando o verbo no final, e não no meio como é mostrado.

Neste sentido, pode-se perceber que estas expressões proverbiais são o resultado do registro da fala de um povo, e que não são somente signos linguísticos, mas vai além disso, são também de ideias e ditados que tinham significações profundas em seu cotidiano, revelando a importância da criação de gado, do vaqueiro, do peixe e, conseqüentemente, o contexto de criação e os modos de vida dos falantes.

Assim como há na obra expressões de cunho proverbiais, remetendo ao dizer popular, encontram-se, também, aquelas com teor de descrição de objetos, pessoas, situações etc., como as que estão elencadas na tabela seguinte:

EXPRESSÕES NOMINAIS DESCRITIVAS	
EXPRESSÃO	SIGNIFICADO
MEU GANJÃO P.44	Admiração ou confirmação. Título obsequioso típico de ciganos.
CABEÇAS CHATAS P.38	Designação dada aos cearenses.
COISA TÃO PIFE P. 43	Variante de pífia: Coisa ruim, sem valor, pífia.
CADA UM DE PER SI P. 51	Cada um por si, sozinho.
ESTÃO LASCANDO P. 39	Executar com muita força, com ênfase.

TABELA 3: EXPRESSÕES NOMINAIS DESCRITIVAS (CASTELO BRANCO, 2004).

“**Meu Ganjão**” é uma expressão bastante utilizada pelos ciganos para expressar respeito ou admiração por alguém. Em “**Cabeças chatas**”, pode-se entender como designação dada, pelos piauienses, aos cearenses, pelo formato de suas cabeças, ou seja, é uma forma um tanto “engraçada” de descrever e dirigir-se aos vizinhos. No entanto, a “ofensa” não fica sem resposta, já que os cearenses “denominam de espigas aos piauienses” (BRANCO, 2004, p. 39),



Já em “**coisa tão pife**”, observa-se uma expressão descritiva com a intenção de caracterizar algo, no entanto esse vem a ser uma coisa ruim, sem valor. Vale ressaltar que a palavra “pife” é uma variante de “Píffio *adj*”, que significa ‘reles, grosseiro, ordinário’. Do cast. *Píffia*” (CUNHA, 2010, p. 497).

Tem-se, também, a expressão “**cada um de per si**” que é usada na obra para descrever o modo como se deve dançar a punga — uma dança típica da região e da época—, ou seja, a participação deve ser feita cada um por si, sozinho, sem acompanhante. Lembrando o uso da preposição *per* (por), ressaltando a preservação de formas antigas, alatinadas nas expressões presentes na obra.

A expressão “estão **lascando**”, no contexto da obra, está relacionada à seca iminente que assolaria todo o sertão nordestino. Assim, pode-se dizer que esta estava chegando com muita força. Para uma melhor compreensão, vale trazer o conceito de lasca, de onde deriva lascar “*lasca, sf. ‘fragmento de um corpo, estilhaço, tira’// lascar*” (CUNHA, 2010, p. 382), observa-se, também, que há uma referência ao corte do machado na lenha deixando-a em tiras — usadas, no interior, como lenha para cozinhar — e seria assim que a seca deixaria o sertão, em pedaços. A partir dessa trajetória semântica, percebe-se o sentido de intensidade, ênfase.

Portanto, pode-se perceber, nos vocábulos analisados, a conservação e utilização de formas latinas e significados próprios que somente quem convive ou conhece pode compreender algumas dessas expressões.

Continuando com as expressões, tem-se, agora, algumas que levam em conta o lado metafórico das palavras, e deve-se atentar às comparações feitas a fim de formar as metáforas, já que todas levam em conta o lugar de fala e os participantes desse processo.

EXPRESSÕES NOMINAIS DESCRITIVAS METAFÓRICAS	
EXPRESSÃO	SIGNIFICADO
PEGAR UM TATU P. 33	Levar uma queda, tropeçar.
METER NO TEAR P. 39	Impressionar-se com algo.
NATA E SORO P. 40	De destaque, de boa conduta.

VIVA A GALINHA COM SUA PEVIDE P.49	Cada um com sua dificuldade.
---------------------------------------	------------------------------

TABELA 4: EXPRESSÕES NOMINAIS DESCRITIVAS METAFÓRICAS (CASTELO BRANCO, 2004).

A expressão “**pegar um tatu**” é usada por Ataliba, e seu significado seria um “quase cair ou tropeçar, ficando desequilibrado”, pois faz referência ao modo como se pega um tatu na mata, sendo obrigado a andar de quatro pés, agachado assim como o animal, e assim como em uma queda iminente.

Seguindo, tem-se “**meter no tear**” que faz referência ao tear, “um aparelho ou máquina destinada a produzir tecidos, tapeçaria” (CUNHA, 2010, p. 626), onde se tecem os fios por muito tempo. A expressão compara esse tear de tecer fios com o impressionar-se com algo, pois ficar remoendo, tecendo uma ideia ou pensamento é tal como se faz no tear, tecendo a peça de roupa.

Já que a obra traz uma narrativa que se passa em um contexto interiorano, mais especificamente em uma fazenda, encontram-se nela expressões que revelam o modo de vida, as atividades e a importância que tais atividades têm para a comunidade, como é o caso de “**nata e soro**”, que pode ser entendida como uma forma de adjetivar algo ou alguém, por seu caráter íntegro e digno, assim como é a nata e o soro, que são a parte nobre do leite.

A última expressão é “**viva a galinha com sua pevide**”, na qual pevide pode ser entendida como “película mórbida na língua de algumas aves, que lhes impedem de beber” (CUNHA, 2010, p. 494) como é o caso da galinha, assim compreende-se como sendo, esta metáfora, uma analogia à dificuldade de cada pessoa na vida, mas que mesmo assim continua a viver.

Além das expressões trazidas até então, observou-se também, na narrativa, alguns advérbios que trazem em si significados contextuais e mostram a presença viva da língua latina, já que a maioria desses signos não são usados atualmente, ou ocorrem apenas no português não padrão, como *por mode*.

ADVÉRBIOS	
PALAVRAS	SIGNIFICADOS
DEBALDE P. 65	Em vão.
SOSLAIO P. 49	De rabo de olho ou com vergonha.
DERREDOR P.48	Ao redor, em volta.
POR MODE... P.66	Por causa.
ALGURES P.45/58	(Arc. Em algum lugar)

TABELA 5: ADVÉRBIOS (CASTELO BRANCO, 2004).

“**Debalde**” é resultado da união do prefixo *De-* com o substantivo *balde*, como traz Cunha (2010, p.77) “balde (de—, em—) loc. Adv. ‘em vão, inutilmente. As locs. *Debalde e embalde* já se documentam no sec. XIV.”, ou seja, é uma locução adverbial de modo. “**Soslaio**”, também, pode ser classificada como advérbio de modo, já que traz seu sentido relacionado à forma como se comporta o olhar ao encarar alguém, nesse contexto, seria um olhar avergonhado, com “rabo de olho”, oblíquo, sendo proveniente do “Castilho *soslayo*” (CUNHA 2010, p. 608).

O advérbio “**derredor**” (de + redor) é usado para indicar a circunstância de lugar, neste caso, ao redor, em volta de algo, em situação de contorno. Há, também, a locução adverbial “**por mode**”, que ainda hoje é observada na fala de pessoas mais velhas que residem no interior. Essa locução é empregada para expressar a circunstância de causa, “por causa de...”. Por fim, “**algures**”, que é uma forma arcaica, já em desuso, da expressão adverbial “em algum lugar”.

Percebe-se, portanto, que os advérbios encontrados na obra, em sua maioria, estão em desuso na língua atualmente, pela maior parte da população, sendo encontrados alguns resquícios desses itens lexicais na fala de pessoas mais velhas e que, que ainda preservam essas formas.

É perceptível, também a presença de algumas interjeições que retratam mais fielmente a identidade da fala piauiense, pois trata-se de expressões e significados que, majoritariamente, são encontrados em falantes que residem no Piauí, mais

especificamente os que moram no interior, pois trazem à tona questões como a religiosidade e animais que fazem o contexto.

INTERJEIÇÃO	
EXPRESSÃO	SIGNIFICADO
QUENQUEM! P. 37	Expressão de admiração
ICHE! P. 38	Espanto ou admiração.
QUAL CASCAVÉIS P. 44	Que nada! Negação, desprezo
CHI, VIGEM SANTA P. 49	Admiração ou espanto.
Ó DE CASA, Ó DE FORA	Saudação!

TABELA 6: INTERJEIÇÃO (CASTELO BRANCO, 2004).

“**Quenquem**”, é usado mais repetidamente por tia Deodata sempre que tem um ímpeto de admiração com algo, alguém ou alguma circunstância à qual é submetida. Já “**iche**” pode ser interpretada como uma interjeição que expressa espanto, ou, assim como ‘**quenquém**’, admiração; a sua grafia pode ser fruto de modificações de “virgem”, colocadas em mesma circunstância, sendo que houve algumas modificações fonéticas Virgem>virge>vixe>iche.

Tem-se, ainda a expressão “**qual cascavéis**” que trazendo a figura do animal, a cascavel, tem a intenção de negar, menosprezar, “que nada!” algo que lhe foi dito anteriormente. Em “**chi, virgem santa**”, que expressa admiração ou espanto, traz a figura religiosa de Maria que é invocada, quase que involuntariamente, nesses dizeres próprios do sertanejo, por ter uma afinidade com essas divindades.

Por fim, “**ó de casa, ó de fora**” é definida como uma expressão usada quando se chega à casa de alguém e não se vê ninguém fora, chama-se, então, “ó de casa”, na pretensão de que quem esteja dentro de casa responda “ó de fora”, como uma forma de interação para mostrar que há pessoas em casa e que logo sairá, para recepcionar.

Assim, percebe-se que três, das cinco interjeições colocadas acima, indicam espanto ou admiração, ou seja, há uma variação no nível lexical, no qual há várias formas de expressão para designar um mesmo sentido. Ainda, constata-se a presença

da fala trazida para a escrita, dando mais ênfase no intuito de mostrar a identidade do povo por meio de sua fala.

Pronomes, igualmente, foram identificados no texto, mais especificamente pronomes de tratamento, como traz a tabela seguinte:

PRONOMES	
PRONOMES DE TRATAMENTO	SIGNIFICADO
SÔ P. 44	Pronome de tratamento Senhor
INHÁ SIM, MAMÃE P. 40	Expressão de afirmação com o pronome de tratamento INHÃ (sinhá < senhora) = Sim senhora
INHÔ, NÃO P.56	Expressão de negação com pronome de tratamento NHÔ (< senhor) = Não senhor

TABELA 7: PRONOMES (CASTELO BRANCO, 2004).

Os pronomes “**sô**” e “**inhô**”, retirados da expressão negativa “inhô, não” (não senhor), correspondem ao mesmo pronome de tratamento **Senhor** que é usado para dirigir-se, de forma respeitosa, a alguém que seja mais velho ou hierarquicamente superior.. No entanto, diferem a depender do destinatário e de quem fala, e isso é constatado nas seguintes situações: quando Tia Deodata se dirige a Ataliba, nos acontecimentos narrados, ela o trata como “sô”, já quando Cassange, empregado de Ataliba, dirige-se ao patrão chama-o de “Inhô” ou de amo, com isso constata-se que o primeiro é usado em interações cujos interlocutores são considerados “iguais”, já o outro é utilizado quando há uma hierarquia entre eles, ou seja, seria a forma mais respeitosa, entre as duas.

A forma “**inhá sim, mamãe**” (sim senhora, mamãe), é uma expressão de afirmação com o pronome de tratamento Inhá que pode ser explicado, como sendo resultado das modificações senhora> sinhá> inhá, e é usado para dirigir-se a alguém como a mãe.

Foram observadas também algumas orações que são estruturadas de forma diferente do português atual, são elas:

SINTAXE	
ORAÇÕES	EXPLICAÇÃO
QUE ME MATARAM MEU BEM P. 51	Resultado da influência do português de Portugal. (Resquício do dativo de posse)
QUEM SE VAI CASAR P. 45	Resultado da influência do português de Portugal.

TABELA 8: SINTAXE (CASTELO BRANCO, 2004).

“**Que me mataram meu bem**” traz seu significado atrelado ao pronome oblíquo “me”, que tem, nesta oração a função de expressar a ideia de que mataram o meu bem a fim de atingir de alguma forma o eu que fala. E assim como em “**quem se vai casar**”, conservam em sua estrutura sintática o resultado da influência do português de Portugal, preservando o antigo dativo de posse **me**, nesse caso, de forma pleonástica, já que há a presença do possessivo **meu**.

Os verbos foram encontrados, também, na obra, como mostra o quadro:

VERBOS	
FORMA VERBAL	SIGNIFICADO
32 ATOCAIAR/ ATOCAIA P.	Forma do verbo atocaiar. Estar à espera de algo
33 ESPOCAR/ ESPOCOU P.	Forma do verbo espocar/ estourar, rasgar
CACHINGAR/ CACHINGANDO P. 33	Apresentar dificuldade para andar.
DEMOVÊ-LA P. 60	Convencer alguém a mudar; fazer com que mude de opinião
P. 34 ARRULAR/ ARRULANDO	Variante de arrulhar = verbo onomatopaico, que exprime o canto da juriti.
37 SOFREAR/ SOFREOU P.	Segurar com força, parar, deter, conter.
LABUTAR P. 54	Trabalhar arduamente e de forma repetitiva

AQUILATAR/ AQUILATAVA P. 55	Imaginar/ ter consciência de algo
BALOUCAR/ BALOUÇAM P. 46	Forma arcaica de balançar
MANGAR/ MANGANDO P. 71	Sorrir, zombar, depreciar, ridicularizar
ESPIAR / ESPIE BEM P. 43	Prestar atenção, olhar(atentamente)

TABELA 9: VERBOS (CASTELO BRANCO, 2004).

A primeira forma verbal trazida é “**atocaia/ atocaiar**” que, segundo o contexto, pode ser entendida como estar à espera de algo e é usada, especificamente, relacionada à espera de animais, ou seja uma estratégia de caça, pois deve-se ficar atocaiando o animal até que ele chegue e possa ser abatido. “**Espocou**” é uma forma do verbo **espocar** e traz o sentido de estourar ou rasgar, caracteriza a fala nordestina/piauiense.

Seguindo, tem-se “**cachingando/cachingar**”, o qual designa a dificuldade de andar, ou andar mancando, arrastando-se. “**demover**” “vb. ‘Renunciar a uma pretensão, dissuadir, deslocar, desviar’/ Do lat. *Demovere, de movere*” (CUNHA, 2010, p. 205), ou seja, é fazer com que alguém mude de opinião, mover seu posicionamento.

Já “**arrular**” é uma onomatopeia que exprime o canto do pássaro juriti, ave que habita o sertão. E ainda pode ser “dizer palavras amorosas, em tom meigo” (CUNHA, 2010, p. 60). Na obras esse verbo é usado para comparar as mulheres e mães do sertão com o afago e proteção da juriti. O verbo “**sofrear**”, de acordo com Cunha (2010, p. 301) advém de freio que significa “todo dispositivo que serve para cessar ou diminuir um movimento// sofrear XVI. do lat. *Suffenare*.” Assim pode-se entendê-lo como a ação de parar uma ação, um desejo, um ímpeto, com força.

A labuta, que vem do verbo “**labutar**”, é usado ainda pela maioria das pessoas mais velhas para designar um trabalho pesado, constante e cansativo, ou seja, não é somente um trabalho comum, mas vai além. Outra, é “**aquilatar**” que tem, no texto, a intenção de descrever a ação de imaginar ou ter consciência de algo, e é um forma arcaica, portanto em desuso, atualmente. Assim como “**balouçam/balouçar**”, que

também é uma forma arcaica e que foi “substituída” por balançar, após passar por algumas modificações fonéticas.

Uma forma verbal típica da fala do Piauí e de todo o Nordeste é “**mangar**”, que significa zombar de alguém, assim como “**espiar**” como sinônimo de olhar, como é mostrada na frase “espie bem”, prestar atenção. As duas são exemplos de itens lexicais que identificam o povo piauiense e nordestino.

A classe de palavras que mais se percebeu no léxico dos personagens da fazenda Morro, e que revelam a identidade do falar regional foi a dos substantivos, tanto que esta teve que ser subdividida por campos temáticos. Sendo assim, ficou uma tabela com palavras que designam apenas as vestimentas e indumentárias do vaqueiro, assim como aquelas relacionadas aos utensílios domésticos, e também uma com os animais citados na obra e uma outra trazendo itens lexicais variados, que possuem relevância para a pesquisa.

Iniciamos pelas que trazem os nomes relacionados com as indumentárias do vaqueiro.

<b>SUBSTANTIVOS: PEÇAS DE VESTUÁRIO E INDUMENTÁRIAS DO VAQUEIRO</b>	
<b>PALAVRAS</b>	<b>SIGNIFICADOS</b>
GIBÃO P.32	Roupa do vaqueiro. Casaco de couro curtido.
PERNEIRA P. 32	Roupa do vaqueiro (calças de couro curtido).
GUARDA-PEITO P. 32	Artefato usado pelo vaqueiro, como protetor do tórax.
VARA DE FERRÃO P. 32	Longa e rija vara com uma ponta de ferro aguçada e enrolada em correias.
MANDAPOLÃO P.43	Tipo de pano, usado como forro para algumas roupas.
CEROULAS P. 44	Calça curta.

TABELA 10: SUBSTANTIVOS: PEÇAS DE VESTUÁRIO E INDUMENTÁRIAS DO VAQUEIRO (CASTELO BRANCO, 2004).



As quatro primeiras palavras descritas no quadro estão relacionadas com a figura do vaqueiro, sendo elas: **“gibão”** que é um casaco de couro usado por cima da roupa comum para evitar machucadura durante os percurso na mata; a **“perneira”**, feita também de couro, é como que uma calça usada para enfrentar as dificuldades da profissão; já o **“guarda-peito”**, como o próprio nome sugere, é um artefato, de couro, usado pelo vaqueiro, como protetor do tórax; e encerrando as vestimentas e acessórios, tem-se a **“vara de ferrão”** que é, como traz o próprio Castelo Branco (2004, p. 32), uma “longa e rija vara com uma ponta de ferro aguçada e enrolada em correias.”, usada para auxiliar o vaqueiro no controle dos animais.

Seguindo, **“mandapolão”**, que foi usado por um tempo para indicar uma espécie de tecido fino que servia como forro às roupas feitas com tecidos transparentes, porém, essa palavra foi substituída pelo seu sinônimo “morim”, que tem o mesmo significado e que, segundo Silva et al (s/d), tem origem no malaio, língua da Malásia, com quem os portugueses tiveram uma intensa atividade comercial, no período das grandes navegações. E o substantivo **“ceroulas”** que é um item lexical característico do falar português, e significa calças curtas.

A próxima tabela elenca os substantivos usados para nomear alguns dos utensílios usados em casa e que são próprios da época e do povo do sertão nordestino.

SUBSTANTIVOS:UTENSÍLIOS DE CASA	
SUBSTANTIVOS	SIGNIFICADO
CABAÇA P. 29	Vasilha de colocar água. Feita a partir do aproveitamento do fruto da cabaceira.
EMBIRAS P. 33	Cordas, fibras vegetais
PAPA-FOGO P. 36	Ponta das armas de um boi, fechada por uma tampa caco de kujuba, com a alça de correia, contendo algodão e outros materiais inflamáveis. Isqueiro rudimentar.
CUJUBA P. 36	Cabaça/coité.

CORNIBOQUE P. 65	Aparelho idêntico ao papa-fogo contendo porém, tabaco em vez de isca.
COFOS P. 38	Espécie de sacos/cestas de palha.
URUPEMBA P. 47	Peneira de palha ou de talos vegetais.
TAMBORETE P. 44	Cadeira ou banco feito de madeira e couro.

TABELA 11: SUBSTANTIVOS:UTENSÍLIOS DE CASA (CASTELO BRANCO, 2004).

“**Cabaça**”, assim como a “**cujuba**”, um utensílio doméstico próprio das casas do interior. É uma vasilha de colocar água, feita a partir do aproveitamento do fruto da cabaceira, sendo que todo o processo de construção é feito de forma artesanal. Já “**embiras**” pode ser entendido como um tipo de corda, porém, nesse contexto de fazenda, é mais cabível falar em fibras vegetais que são extraídas e secas e, como são fortes, servem para amarrar as mais variadas coisas que delas necessitem.

O “**papa-fogo**” é o que se chama atualmente de isqueiro, porém era feito de forma rudimentar, como o próprio Castelo Branco (2004, p. 36) descreve “ponta das armas de um boi, fechada por uma tampa, caco de kujuba, com a alça de correia, contendo algodão e outros materiais inflamáveis”. Parecido com o Papa-fogo tem o “**corniboque**” que é quase a mesma coisa daquele, porém nesse há tabaco ao invés de isca, sua função não era produzir fogo, mas armazenar tabaco e era usado por pessoas que fumavam ou que cheiravam rapé, que era usado como remédio para problemas nasais.

“**Cofos**” é uma espécie de saco ou cestas feitas com palhas de palmeira trançadas, na maioria das vezes era uma forma de economia, visto que quem sabia fazer vendia aos que queriam esse utensílio. “**Urupemba**” é também feita de palha, só que é um tipo de peneira feita a partir de fibras vegetais. Segundo Cunha (2010), “urupema *sf* uma espécie de peneira”.

Seguindo, as próximas palavras nomeiam alguns dos animais que têm importância para a vida dos personagens da obra.

<b>SUBSTANTIVOS: ANIMAIS</b>	
<b>NOMES</b>	<b>SIGNIFICADOS</b>
CAPOEIRO P. 29	Designa uma espécie de veado.
ALAZÃO P. 33	Cavalo

TABELA 12: SUBSTANTIVOS: ANIMAIS (CASTELO BRANCO, 2004).

O primeiro animal é o “**capoeiro**” que é um tipo de veado, visto que há outros tipos com outras nomenclaturas, este tem esta denominação por viver mais no sertão árido, na capoeira. Já “**alazão**” é o nome dado a um cavalo com características belas, ou seja, é um cavalo diferenciado dos outros pelos seus potenciais e pela coloração castanho claro ou avermelhado.

Encerrando a classe dos substantivos, a próxima tabela traz alguns vocábulos das mais variadas categorias.

<b>SUBSTANTIVOS: DEMAIS CATEGORIAS</b>	
<b>NOMES</b>	<b>SIGNIFICADOS</b>
KIERIE P. 36	Ladainha ou conversa comprida.
UMA PUXADA P. 37	Alongamento na casa ou varanda
OUVERTURE P. 51	Abertura
CARBUNCULO P. 32	Uma doença. Pode ser usado poeticamente.
PUNGA P. 51	Dança típica.
NOVAS P. 44	Novidade
FIASCO P. 41	Vergonha ou algo que não deu certo.
CUNHÃ P. 39/44	Mulher em Tupi. Ou de forma pejorativa mulher qualquer
RAPARIGA P. 35	Moça ou menina
YAMBA P. 45	Maconha, Cannabis sativa.
TRAQUITANDAS P. 46	Coisas pequenas e de pouco valor
PACHORRA P. 43	Lentidão, preguiça (procurar com pachorra)

Abra as OIÇAS P. 44	Variante de ouça, por nominalização, ouvido, orelha
COCORUTO P. 35	É o ponto mais alto, cocoruto da cabeça!
MARCHANTES P. 38	Mercantes, comerciantes de carne, açougueiro
QUEBRANTO P. 36	Encanto magico

TABELA 13: SUBSTANTIVOS: DEMAIS CATEGORIAS (CASTELO BRANCO, 2004).

Inicialmente, tem-se “**Kirie**” e “**Puxada**”. O primeiro tem origem grega (*Kyrie eleison*) e é utilizado, mais especificamente, em celebrações litúrgicas cristãs, no entanto, nesse contexto, seu significado está atrelado a uma conversa longa e enfadonha, como uma ladainha; já o segundo é a parte de uma casa que foi aumentada ou um simples alpendre.

“**Ouverture**” é uma palavra francesa, música de abertura, que antecede e cria o ambiente para a apresentação de uma ópera. Aqui traz a significação de uma abertura, como é o caso de Cassange, na obra, que faz, com seu instrumento, a abertura da música na festa de noivado de Teresinha e Ataliba. Dentro desse contexto amoroso, cabe aqui a palavra “**carbúnculo**” que em seu sentido real é uma doença infecciosa contagiosa causada por exposição a couros de animais ou a animais contaminados, no entanto a frase à qual esta palavra está vinculada é “seus olhos de carbúnculo chamejavam” (CASTELO BRANCO, 2004, p. 32), caracterizando o modo como Ataliba olhava para Teresinha. Assim, entende-se que o modo como ele olhava para ela era de um modo “doente” de amor, enamorado.

No que tange à cultura, tem-se a “**punga**” que é um tipo de dança típica da região. Um iniciava a dança sozinho no meio de um círculo e quando este parava, dava toque abdominal no outro, a fim de que este continuasse a corrente. As “**novas**” é uma forma abreviada da palavra “novidade”, era um modo mais descontraído de expressar o significado notícia.

“**Fiasco**” trata-se de uma vergonha ou de algum evento que fracassa, assim como traz Cunha (2010, p. 291) “‘êxito desfavorável, vexatório, ridículo’. Do it. *Fiasco*”. Na sequência, há “**cunhã**” que é “Índia e, por extensão, esposa ou companheira do

caboclo, ou do homem branco’. Do tupi ‘mulher’” (CUNHA, 2010, p. 195), esse é um dos significados, pois o outro seria uma forma pejorativa significando uma mulher qualquer, sem valor, e isso varia de acordo com seu contexto de uso.

Na obra, como é escrita no século XIX, a palavra **“rapariga”** é usada ainda como em Portugal, com seu sentido de menina ou moça, mas vale ressaltar que com o passar do tempo, houve modificações semânticas, já que este vocábulo hoje designa uma mulher que vive na prostituição ou que não tem virtudes morais. E **“Yamba”** designa um a maconha que na obra é usada por Cassange.

Trazendo, agora, **“traquitandas”** que serve para referir-se a coisas pequenas e de pouco valor. Já **“pachorra”**, advindo do castelhano, significa “lentidão, falta de pressa” (CUNHA, 2010, p. 468), como é colocado no exemplo, procurar com pachorra, ou seja, procurar calmamente, lentamente, atenciosamente. Já em **“abra as oiças”** que está relacionado a ouvir, que é realizado como ouça na terceira pessoa do singular do presente do subjuntivo, podendo assim ter nominalização da forma verbal **ouça**, ou derivação imprópria

As três últimas dessa tabela são **“cocoruto”**, **“marchantes”** e **“quebranto”**, sendo que a primeira está relacionado com um ponto mais alto, neste caso o da cabeça; o segundo designa um grupo de viajantes que vendiam carnes e outros produtos nos interiores, lembrando que marchantes lembra marcha, andar, mas na realidade é uma variante fonética de mercante, palavra de origem francesa com o mesmo sentido de vendedor. Por fim, tem-se quebranto, o qual mostra um pouco da crença do povo em divindades e supostas maldições.

A última tabela, a seguir, diz respeito a algumas variações no nível fonético que foram observadas ao longo de toda a obra.

Em **“que dê”**, que corresponde ao atual cadê, abreviação de **“que é de”**, houve a união das duas palavras com elisão do verbo.

<b>VARIANTES FONÉTICAS</b>	
<b>PALAVRAS</b>	<b>ALTERAÇÕES E SENTIDO</b>
<b>QUE DÊ O PAPA FOGO</b> P. 36	(Pop. Cadê , Que é de)
<b>QUE XISMA!</b> P. 40	Cisma
<b>ASSENTADA</b> P. 29	Sentada

TABELA 14: SUBSTANTIVOS: DEMAIS CATEGORIAS (CASTELO BRANCO, 2004).

Já em “xisma” ocorreu a troca do segmento [s] pelo [ʃ], pelo processo fonético de palatalização. Por fim, “**assentada**”, proveniente de sentar, caracterizando assim uma prótese que é um tipo de metaplasmo, que consiste do acréscimo de um fonema no início da palavra.

Diante dessas palavras e de suas respectivas análises postas até então, pode-se concluir que as variantes linguísticas abrangem os mais variados níveis de representação da língua, e isso faz com que estes representem de forma mais fiel a identidade, a cultura e os próprios falantes de determinada região, idade, época ou classe social em questão, pois abrangem todo o contexto de fala e transmite através do léxico, sua significação, metafórica ou não, do mundo e das coisas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em conta o objetivo proposto nesta pesquisa de observar e analisar as variações lexicais presentes nas falas dos personagens da obra “Ataliba, o vaqueiro”, percebendo os itens lexicais, seus usos e sentidos contextuais, foi possível detectar que em cada grupo de itens lexicais que foi analisado, cada categoria, era composta por palavras que traziam em seus sentidos, toda a significação do contexto em que eram empregadas. Assim, algumas palavras e expressões, para serem compreendidas, é necessário que o falante/ leitor tenha conhecimento de todas as personagens presentes no processo de interação, neste caso, a fazenda, os animais, a vegetação, pois toda sua semântica está diretamente ligada a esses elementos que compõem a cena e participam da narrativa.

Além disso, observou-se também uma diferenciação quanto aos usos de algumas palavras, sendo que aquelas que provinham de outras línguas mais prestigiadas eram proferidas apenas pelo narrador, enquanto que as palavras de uso mais corriqueiro eram empregadas pelos nativos, piauienses. Com isso, não se pode deixar de ressaltar a grande mistura de dialetos e línguas nas falas, o que revela a diversidade étnica que resultou do processo de povoamento nordestino e piauiense, assim como de todo o território brasileiro.

Portanto, todos os itens lexicais utilizados pelos personagens deixam transparecer, de forma clara, a identidade dos falantes que os pronunciam, refletindo suas vivências, ideias, expressões, crenças e modos de vida, de forma que todos esses personagens podem ser identificados pelos usos que fazem do léxico, afinal, segundo Carvalho(2001, p. 99), o léxico é um modelador da cultura e [...] a palavra analisa e objetiva o pensamento individual, tendo também um valor coletivo. Por isso, os usos lexicais, além de revelarem traços da identidade do falante, revela também dados da cultura e das ideologias presentes na vida social de um povo ou de uma comunidade.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Wlamyra R., FILHO, Walter Fraga. Uma história do negro no Brasil. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística Parte I. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Cristina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 2º ed. São Paulo: Cortez, 2001, p. 21-49.
- BARROS, Rafael Aubert de Araujo. SOUZA, Andrade Luiz Eduardo Simões de. **Territorialidade Econômica da Pecuária em Manuel Correia**. Economia -Ensaios, Uberlândia, 32 (1): 113-130, Jul./Dez. 2017.
- BIBLIOTECA INTEGRADA: Fundamental, médio, concursos, vestibulares. São Paulo: PAE – Programa de assistência ao estudante, 2007.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística parte II. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Cristina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 2º ed. São Paulo: Cortez, 2001, p. 49-75.
- CARVALHO, Nelly de. **Publicidade** - a linguagem da sedução. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- CASTELO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, o vaqueiro**: estudo bibliográfico e atualização de textos de Fabiano de Cristo Rios Nogueira, Maria Gomes Figueiredo dos Reis, Maria Gomes Figueiredo dos Reis, Maria do Socorro Rios Magalhães, Maria do Perpétuo Socorro Neiva Nunes do Rêgo . 3º ed. Teresina: Convênio Editora corisco, 2004.
- CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4º ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**: História do Brasil cobre um período de mais de quinhentos anos, desde as raízes da colonização portuguesa até nossos dias. São Paulo: EDUSP, 1996.
- FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. 32º ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2007.
- MOLLICA, Maria Cecilia. Fundamentação teoria: conceituação e delimitação. In:



\_\_\_\_. BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2004 p. 9-15.

MORAES, Alexandre. **Visão histórica da literatura piauiense**. 4º ed. Tomo I. Teresina: COMEPI, 1997

NETO, Adrião. **Geografia e história do Piauí para estudantes: da pré-história à atualidade**. 3º ed. Teresina: Edições geração 70, 2004.

PETTER, Margarida. Linguagem, Língua, Lingüística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à linguística: I. Objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 11-24.

## 6. ANEXOS

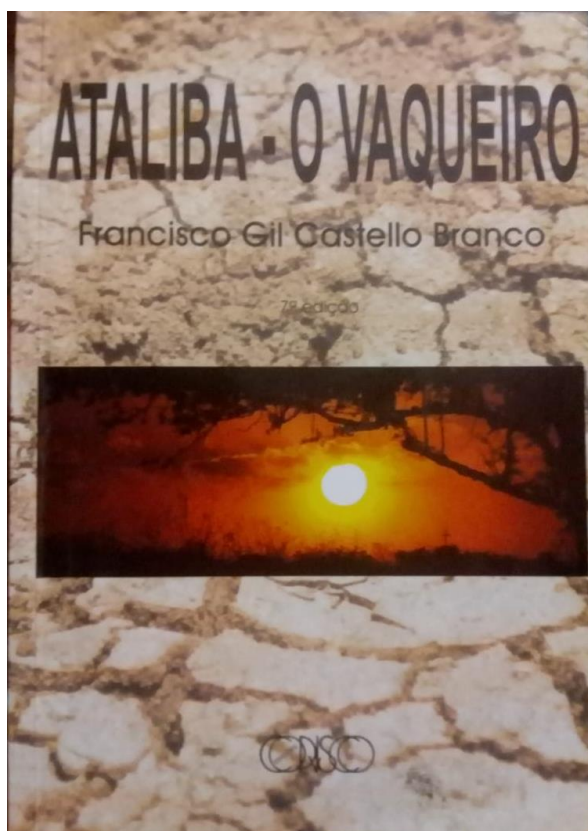
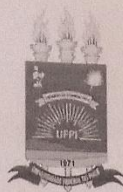


IMAGEM 1: Capa do obra “Ataliba, o vaqueiro” de Francisco Gil Castelo Branco.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- ( ) Tese  
( ) Dissertação  
 Monografia  
( ) Artigo

Eu, Barbara Vieira de Oliveira,  
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
A variação lexical na obra "Ataliba o vaqueiro",  
de Francisco Gil Castelo Branco  
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 06 de Novembro de 2019.

Barbara Vieira de Oliveira  
Assinatura

Luiz Egito de Souza Barros  
Assinatura